

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM AULAS DE LÍNGUAS*

ELIZABETE FRANCISCA DE OLIVEIRA PEREIRA**

MAGALI SADDI DUARTE***

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir a contação de histórias em aulas de língua inglesa para iniciantes. Valemo-nos das teorias de Bettelheim (1980), Zilberman (1990) e Aguiar (2001), que evidenciam a pertinência das histórias infantis na introdução de língua estrangeira, não como pretexto para a introdução de itens estruturais, mas como uma oportunidade de levar os alunos a explorarem o texto autêntico com começo, meio e fim, cujo enredo e organização textual já são conhecidos pelos alunos. Além disso, é o momento em que os alunos são levados ao encantamento provocado pela contação de histórias.

PALAVRAS-CHAVE: literatura, contação de histórias, contos de fadas.

Storytelling in the language classrooms

ABSTRACT

This paper aims at discussing on storytelling for beginners students of English. We consider some theories of Bettelheim (1980), Zilberman (1990) and Aguiar (2001), that put in evidence the pertinence of stories for children to introduce foreign language (second language), not as a pretext to teach structural items, but as an opportunity to expose students to authentic texts with a start, middle and end, whose plot and organization of the text are already known by the students. Besides, it is a time to let the students be stricken by the spell of listening stories.

KEY WORDS: literature, storytelling, fairy tales.

No mundo letrado e no não letrado, também, é bastante comum observarmos comentários sobre o efeito mágico que as estórias produzem nos seres humanos. Para nós, professores, esta história de contar estórias tem sido uma prática comum e prazerosa. Comum porque nos encontramos há alguns

* Texto produzido para a I Bienal do Livro de Goiânia e apresentado na oficina Histórias em aula de Língua Inglesa.

** Professora de Língua Inglesa do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da UFG. E-mail: betorap@cultura.com.br

*** Professora de Língua Inglesa do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da UFG. E-mail: msaddi@cepae.ufg.br

anos utilizando contos de fadas, contos, fábulas e poesias nas aulas de inglês para iniciantes. Prazerosa porque não podemos negar a importância dessas histórias na vida de nossas crianças e os efeitos positivos do contato com esse gênero, observados no desenvolvimento pedagógico de nossos alunos.

Acreditamos que o encantamento dos contos de fadas perdura na pessoa até a fase adulta. Sendo assim, valemo-nos de textos orais e escritos, cuja estrutura formal e história os alunos já conhecem previamente. Remetemos o leitor a algumas reflexões de Aguiar (2001) sobre a literatura infantil, por se tratarem de ponderações pertinentes a quem escolhe materiais pedagógicos para aquisição de língua estrangeira. Para Aguiar (2001, p. 77),

a literatura infantil lida com a compreensão do real e pode conceder ao pequeno leitor a possibilidade de desdobramento de suas capacidades afetivas e intelectuais, desde que bem-adaptada às condições da criança.

O livro infantil, segundo a autora, requer um tratamento especial pela função determinada que tem na vida da criança, que é a de orientar sua formação. Quando a literatura infantil se compromete com as necessidades e os interesses de seu destinatário, o texto infantil “transforma-se num meio de acesso à realidade e facilita a ordenação das experiências existenciais do sujeito” (Aguiar, 2001, p. 79). A autora define a leitura como um processo que, uma vez desencadeado, avança no sentido da descoberta de novos modos de ver o mundo e com ele interagir, experimentando diferentes papéis. O trabalho com a literatura infantil nas aulas pode ser entendido como

uma forma de explorar e organizar situações que propiciem a aprendizagem na escola [...], desenvolve(ndo) o potencial criativo do aluno, através de um processo de construção de significados e conhecimentos que lhe permitam interagir na sociedade (Aguiar, 2001, p. 79).

A estrutura dos contos de fadas com começo, meio e fim bem nítidos, ajudaria “a criança a compor uma visão sobre a vida, que ela não tem como experienciar e compreender em sua diversidade” (Aguiar, 2001, p. 79). Os contos de fadas,

por possuírem uma estrutura simples e resolverem as situações problemáticas, através da fantasia, são de fácil compreensão para a criança, atendendo às características de seu pensamento mágico (Aguiar, 2001, p. 79).

Como os contos de fadas acrescentam o ingrediente da fantasia em uma estrutura narrativa, esse expediente, para a autora, auxiliaria o pequeno leitor a organizar suas percepções e a vivenciar e resolver emoções que lhe parecem complexas e de difícil compreensão. Assim, o uso da fantasia na literatura infantil é mais um recurso de adequação do texto ao leitor, “já que a criança compreende a vida pelo viés do imaginário” (Aguiar, 2001, p. 83).

A partir da transfiguração da realidade pela imaginação, o livro infantil poria a criança em contato com o mundo e com todos os seus desdobramentos, oferecendo-lhe com isso a possibilidade de entendê-lo melhor e de a ele adaptar-se. Aguiar (2001) acredita que ao ler contos de fadas, fábulas, mitos e lendas, o leitor busca aqueles ingredientes simbólicos necessários à elaboração de suas vivências. E que, por meio da fantasia, ele compreende melhor a realidade que o cerca e o seu lugar no mundo.

Se esperamos viver não só cada momento, mas ter também uma verdadeira consciência de nossa existência, nossa maior necessidade e de mais difícil realização será encontrar um significado para nossas vidas (Bettelheim, 1980). A sabedoria, de acordo com o autor, não irromperia integralmente desenvolvida como Atenas saindo da cabeça de Zeus, como diz o mito antigo, mas seria construída por pequenos passos a partir do começo mais irracional.

Como educador e terapeuta de crianças gravemente perturbadas, Bettelheim teve como tarefa principal restaurar o “significado” na vida dessas crianças. Quanto a isso, segundo ele, nada é mais importante que o impacto dos pais e de outros que cuidam da criança; e em segundo lugar vem nossa herança cultural, quando transmitida na infância de maneira correta.

Para o estudioso, quando as crianças estão novas, a literatura poderia ser o melhor catalisador desse tipo de informação, contudo, grande parte da literatura destinada a desenvolver a mente e a personalidade da criança já não consegue estimular nem alimentar os recursos de que ela mais necessita para lidar com seus difíceis problemas interiores. Os livros e cartilhas que a criança aprende a ler “são destinados ao ensino das habilidades necessárias, independentemente do significado” (Bettelheim, 1980, p. 12).

Bettelheim (1980, p. 12) afirma que a “literatura infantil tenta divertir ou informar, ou as duas coisas”, contudo, analisa que grande parte das produções literárias apresenta conteúdos superficiais, que pouco contribui para a formação das crianças. Até mesmo o processo de aquisição de leitura

se compromete, uma vez que o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida.

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, ela deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer a vida da criança, “deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades” e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (Bettelheim, 1980, p. 13).

Em pesquisa realizada em duas escolas de Goiânia sobre como os professores trabalham o livro literário na sala de aula, Castro (1998) valida as afirmações de Bettelheim, ao verificar que o livro de literatura infantil no ambiente escolar ainda é confundido com o livro didático. A relação das professoras com o livro literário, nas duas escolas analisadas pela pesquisadora, é mediada pela possibilidade de atividades apresentadas pelo próprio livro, cuja orientação metodológica é explorar a história com o máximo de atividades possíveis. Ela observou que o texto literário é utilizado como um recurso para garantir a habilidade plena da leitura e criar temas para trabalhos complementares com outras linguagens. Nota a autora que as atividades desenvolvidas após a leitura do livro não recuperam o texto literário em sua narrativa. Na verdade, o texto é usado apenas como pretexto para o trabalho de recorte de papéis coloridos das figuras dos personagens, fixação da escrita por meio da cópia do título da história e de representação da história com os personagens moldados em argila.

O livro literário é, muitas vezes, confundido com o livro didático, pois na escola

mesmo a literatura de reconhecido valor artístico nelas perde seu poder de encantamento e de transporte de vivências imaginárias alternativas, pois não é lida em si, mas para. Ensina-se literatura para redigir melhor. Tornando-se matéria para adornar outras ciências, o texto literário se descaracteriza e afasta de si o leitor (Bordini, 1989, apud Castro, 1998, p. 86).

Zilberman (1990, p. 100) corrobora a idéia de que a literatura infantil confundiu-se com a própria escola, estabelecendo-se,

em conseqüência, uma relação simultaneamente metafórica e metonímica entre a espécie literária e a instituição pedagógica: o livro tornou-se tanto o

simulacro da escola, por ensinar sempre uma atitude ou um saber à criança, e conformou-se em atuar como instrumento de ensino, ao ser introduzido na sala de aula na forma simulada de livro didático.

Na opinião de Castro (1998, p. 91), o despreparo dos professores, para analisar a produção editorial brasileira a ser utilizada no espaço escolar, e a sua dependência, em relação ao material de divulgação da indústria editorial, podem ser identificados com o que Adorno (1996, apud Castro, 1998, p. 91) chama de “consumidor transformado em escravo dócil, rendendo-se aos caprichos teleológicos da mercadoria”, deixando-se enganar totalmente e perdendo autonomia de ação. Como resistência a essa situação, a autora propõe uma postura que deve ser adotada pela escola em face da inserção do livro de literatura infantil, ou de qualquer outro produto cultural no processo pedagógico: “conhecer e resguardar sua característica constitutiva e o limite de sua utilização no contexto educacional, para que, assim, seu caráter literário não seja minimizado” (Castro, 1998, p. 91).

Mais recentemente alguns estudiosos da aquisição de língua estrangeira têm discutido a importância do uso de textos literários em sala de aula, como Wright (1995), Sabota e Vieira (2003) e Murce Filho (1998). Consultando alguns autores sobre os motivos pelos quais as histórias devem fazer parte tanto do ensino de língua materna quanto de língua estrangeira, Wright (1995) cita motivação, significação, fluência, consciência lingüística, estímulo para conversação, escrita, comunicação e, por último, currículo.

No que se refere aos motivos apontados anteriormente, Wright (1995, p. 6-8) assinala o fato de as crianças necessitarem ouvir histórias e estarem sempre predispostas a ouvi-las ou lê-las, por isso essa prática passa a ser fonte de motivação. Essa já seria uma boa razão para utilizarmos histórias como recurso em sala de aula, a motivação tem sido objeto de várias pesquisas sobre a aquisição de segunda língua e língua estrangeira.

As crianças querem achar o significado nas histórias, de modo que as ouvem com este propósito. Se elas encontram tais significados são recompensadas pela habilidade de compreensão e são motivadas a tentar aprimorar suas habilidades de compreensão em níveis mais elevados. Entendemos que a relevância das histórias está no fato de que elas contêm elementos significativos importantes se comparadas às usuais atividades de gramática que nada dizem em termos de significação para os alunos mais jovens.

Zyngier e Vaisman (1998, apud Sabota e Vieira, 2003, p. 355) afirmam que textos literários possibilitam aos alunos exercitarem sua imaginação e construir mundos alternativos. Neste sentido, utilizar-se de histórias infantis para ensino-aprendizagem de língua inglesa contribui também para uma formação mais abrangente do aluno.

A par do prazer de ouvir histórias, uma grande vantagem que percebemos nos textos de literatura infantil para o ensino e aprendizagem de língua estrangeira é a repetição dos padrões (*patterns*). Este é um momento ímpar para o aluno que tem oportunidade de experimentar outra língua de modo contextualizado, saindo da esterilidade dos chamados *drills* na metodologia do ensino-aprendizagem dessa disciplina.

O texto pode apresentar três tipos de dificuldades para o pequeno leitor, uma delas, no que concerne à forma, é que “o leitor é desestimulado quando não há uma extensão média nas frases e/ou palavras e quando estas não são freqüentemente repetidas” (Bamberger, 1977, apud Aguiar, 2001, p. 134). Essa dificuldade é contornada principalmente nos contos de fadas, pelo seu formato com a repetição de ações, de fórmulas mágicas, nas quais podemos convidar os alunos a participarem da história, repetindo as frases que tanto prazer lhes dão.

No que tange aos métodos de ensino para o uso de literatura infantil, Aguiar (2001, p. 147) pondera que se o modelo de aluno desejado é o do leitor crítico, que assume posições com independência, então, faz-se necessário propor leituras por meio de estratégias bem construídas. O texto pode até ser bom do ponto de vista literário, mas, se o trabalho proposto for equivocado, os resultados se perdem (Aguiar, 2001). A autora, cita como exemplo, exercitar análise sintática com um poema de Cecília Meireles, o que, no mínimo, privaria o aluno do contato com a multiplicidade de sentidos do texto, passando-lhe uma idéia equivocada de poesia. Torreira [s.d.] também nos adverte sobre a importância da seleção dos textos para o bom conhecimento dos contos de fadas, pois não faltam interpretações livres de atores inescrupulosos que deturpam suas características.

Todas essas reflexões, para o trabalho pedagógico com a literatura na língua materna, devem ser observadas na língua estrangeira. Conscientes dessas ponderações, trabalhamos com livros literários que se encontram à disposição dos leitores na biblioteca da escola. A opção de escolha do livro literário é livre. Algumas vezes o aluno solicita horários de atendimento

para ser ajudado na leitura. Nas discussões sobre os livros na sala de aula, em grupo ou individualmente, tentamos mostrar-lhes as várias possibilidades de significados oferecidos pelo texto.

Procedimento comum em nossas aulas é a *contação de textos*, independente de seus formatos e de seus temas, e que não sejam necessariamente literários. Esses textos que os livros didáticos trazem são narrados aos alunos antes de serem apresentados na forma escrita. Observamos que os alunos têm prazer em ouvi-los e consideram um desafio à sua compreensão. Como consequência dessa estratégia, o contato com o texto escrito não oferece dificuldades para os alunos e serve de confirmação do que entenderam do texto na *contação*. A *contação* dos textos não invalida o uso de estratégias de leitura, pelo contrário, é mais uma estratégia de abordagem do texto oral/escrito, que tem como um dos objetivos facilitar a interação do aluno com o texto (Duarte e Pereira, 1999).

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. T. (Coord.). *Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CASTRO, M. das G. M. *Literatura infantil: livro e mercadoria na pré-escola*. 1998. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar Brasileira) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1998.

DUARTE, M. S.; PEREIRA, E. F. de O. Telling Texts, Facilitating Reading. In: ENCONTRO DE EDUCADORES DO ENSINO BÁSICO, 2., e ENCONTRO DE CONTADORES DE HISTÓRIAS DE GOIÁS, 1., 1999, Goiânia. *Revista Solta a Voz*, Goiânia: Cegraf, 1999. p. 50.

MURCE FILHO, N. F. *Aulas "Alternativas" de leitura em língua estrangeira: histórias "provocadoras" e deslocamentos de posições subjetivas*. 1998. 140 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Lingüística aplicada do Instituto de Estudos de Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SABOTA, B.; VIEIRA, T. R. Literature in the Language Classroom. In: SEMINÁRIO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS, 5., 2003, Goiânia.

Anais A Formação do Professor de Línguas Estrangeiras, Goiânia: Faculdade de Letras/UFG, 2003. p. 355-363.

TORREIRA, R. Q. *Contos de fadas*. Projeto Crescer: Ensino individualizado – Estudos adicionais e complementação pedagógica. Série literatura infantil. Niterói: Fundação Brasileira de Educação; Centro Educacional de Niterói, [s.d.].

WRIGHT, A. *Storytelling with Children*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

ZILBERMAN, R. A produção cultural para a criança. In: _____. (Org.). *Literatura infantil: livro, leitura, leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

Recebido em: 22 nov. 2005

Aceito em: 23 fev. 2006